

NÚCLEO DE ARTE IMPRESSA E O DNA DA GRAVURA

BRUNA KLEIN LUMMERTZ¹; **AMANDA GABRIELA MARTINS CHARÃO²**; **HELENA ARAUJO RODRIGUES KANAAN³**

¹UFRGS – geobrunakl@gmail.com

²UFRGS – amandagmcharao@hotmail.com

³UFRGS – harkanaan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Propõe-se aqui uma reflexão sobre projeto desenvolvido durante o primeiro semestre de 2021, período em que estivemos trabalhando juntos, à distância, conectados pelo conceito Mutante. Nosso grupo “Práticas Críticas da Gravura à Arte Impressa: Processos e Procedimentos Matriciais, Transferências, Impregnações” trabalha em paralelo ao “Núcleo de Arte Impressa: Prática Reflexiva da Gravura Contemporânea”; grupos de pesquisa e extensão do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criados em 2014 pela sua coordenadora, professora Helena Kanaan. Visamos a pesquisa, desenvolvimento e disseminação do conhecimento em gravura, explorando hibridismos e novos olhares, ativando o comportamento político e social no extraclasse. Praticamos e examinamos linguagens contemporâneas do múltiplo e suas imbricações com a gravura tradicional, realizando cruzamentos entre ciência e arte, instigando trabalhos discutidos entre os membros do grupo e os postados nas redes sociais. As criações no campo prático e ou reflexivo são compartilhadas através de variados eventos, sempre abertos à comunidade. A proposta é o pesquisar coletivo a partir de nossas individualidades, incentivando e constatando essências, fortalecendo o sensório e a razão.

2. METODOLOGIA

Devido a pandemia do Covid-19, desde o início de 2020 os encontros presenciais foram cancelados e muitas das atividades realizadas se encerraram ou tiveram de ser adaptadas. Durante o ano de 2021, desenvolvemos nossos encontros quinzenalmente através de vídeo chamadas, debatendo e trocando informações. Cada membro foi elaborando e compartilhando referências em textos, imagens, vídeos, pesquisas, lives e editais, para criarmos um arquivo/ biblioteca virtual próprio; temos como exemplo de leituras âncoras os filósofos Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin e Merleau Ponty, entre outros autores propostos por integrantes do grupo. Mudamos do ateliê coletivo da Universidade para nossas casas e nossas telas digitais, buscando soluções para produzir e dialogar. O trabalho coletivo se mescla mais com o individual; o assunto abordado foi definido para todos igualmente, mas cada integrante tem sua própria visão e desenvolvimento.

Através de análise de uma entrevista em vídeo gravada em 2015 e do escrito ‘Perene Mutante’¹, da artista Maria Bonomi, elegemos o mote para nossa pesquisa: a palavra-conceito “mutante”. Esse ser mutante, a gravura-mutante, surgiria não da gravura tradicional, mas do encontro de características da gravura e da mutação em outro objeto, movimento ou ação. A mutação entra como ponto de largada, e no

¹ Maria Bonomi (1935, Meina, Itália), ‘Perene Mutante’ (1999), original ‘A Perennial Mutant’ para impresso Grapheion, Praga.

exercício do imaginário nos deparamos na relação direta com a Arte Impressa. Aqui nos instiga a frase leitmotiv de Muntadas; “Atenção: percepção requer envolvimento”², prestar atenção nas coisas comuns e experimentar, participar e nos envolver em situações e com objetos ordinários para criar relações e visualizar mutações, para por fim, encontrar as conexões com a gravura.

Produzimos e refletimos fazendo esse paralelo da mudança em nossas vidas, com o procedimento matricial que utilizamos para as práticas de ateliê. Adaptamos equipamentos e inventamos instrumentos. Nossos hábitos sofreram mudanças e, as imagens que criamos apresentaram variantes, sem perder essências da linguagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo analisou textos de Maria Bonomi e de críticos sobre sua pesquisa, separando palavras chave e conceitos que agregam ao que buscamos explorar dentro da linguagem gravura. “Acreditamos que quanto mais a gravura se transforma mais ela se reafirma como a GRANDE MUTANTE.” (BONOMI, 1999, p. 1,). Visualizamos a gravura tradicional, sabemos executá-la, mas podemos expandi-la, renová-la e, assim como estamos nos adaptando ao momento, articulamos a gravura ao contemporâneo, partindo do DNA intrínseco a ela e mutando-o ‘geneticamente’, chegando com a gravura a outros campos e novos espaços. Cada membro explora referências e ideias e as compartilha com o grupo, mantendo um diálogo de troca, instigando ao compartilhamento de imagens e transformações no contexto atual.

Como afirma Bonomi:

Hoje se constroem mais aeroportos do que catedrais. Nós sabemos perfeitamente como construir uma catedral, mas não precisamos mais delas. Isto não quer dizer que paremos de construir. Construímos e construiremos sempre para novas liturgias e com outros (novos) materiais. O ato de construir permanece eterno. (BONOMI, 1999, p. 1).

Ainda entre as sessões de leitura, seguindo nosso perfil na fenomenologia de Merleau-Ponty, o qual propõe um abandono de fronteiras sensoriais para uma aproximação com o mundo em sua totalidade, fomos exercitando superar a separação entre o controle da sensibilidade e do entendimento, mesclando no passar de nossos dias confinados, arte, ciência e filosofia, estimulando-nos para que o espírito criador fosse revelando seus mecanismos:

[...] que se trate de nossa percepção dos objetos que nos envolvem ou que se trate da atividade dos sábios, em todos os casos, sua filosofia buscava apreender seja a percepção exterior, seja a construção da ciência, como o fato de uma atividade de espírito, uma atividade criadora e construtora do espírito. (MERLEAU-PONTY, 2000, p.250, tradução nossa)

² Antoni Muntadas (1945, Barcelona, Espanha), “Atenção: percepção requer envolvimento” (há um exemplar desse out door na FVCB Viamão RS), é uma obra que faz parte de seu projeto “On translation”, no qual observamos diversos sinais da vida urbana.

Cruzamos assim, operacionalidades conceituais da sociologia, da filosofia, das artes, sempre retomando imagens do ateliê, trabalhos produzidos anteriormente, em uma mescla de surpresas evidenciadas na experimentação dos dias e das novas imagens geradas.

4. CONCLUSÕES

O projeto “Mutante” é um trabalho que segue em mutação e desenvolvimento. Seguimos nos adaptando, assim como nossos trabalhos; vivenciando a fenomenologia, mantendo essências da linguagem, nos ambientando, moldando, habituando, abrindo rizomas à facticidade do momento e da situação sócio-política atual.

Não é habitual redirecionar o ambiente coletivo, próprio para gravura com equipamentos específicos disponíveis, para nossos lares, onde além de ter de adaptar materiais e procedimentos, estamos cercados de tarefas domésticas e situações pessoais. Entretanto, essa mudança nos propôs, assim como nosso projeto, mutar, explorar meios e formas de realizar e apresentar nossas produções.

Nesta linha de planejamento, o grupo se propõe a uma estrutura corpo único. Somos uma matriz de engendramento de um pós-gravura, na qual cada elemento possui força e importância para sua constituição. O enfoque recai sobre o campo relacional, como forma de estímulo para cada participante apropriar-se de outros meios. Para tal, estamos esmiuçando as características inerentes na produção da imagem múltipla, uma pesquisa empírica, implicando em descobertas e utilização de procedimentos híbridos. Alterações formais ou substanciais fazem parte das mutações que naturalmente se apresentam pelos fenômenos de superfície das matérias que trabalhamos, ou que as induzimos a fatores externos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA FAPESP. **Maria Bonomi**. 2015. (19min03s). Disponível em:
<<https://youtu.be/v06xugpVyqc>>. Acesso em 16 de junho de 2021.

BONOMI, M. **Perene Mutante**. Praga: Grapheion, 3^a-4^a edição. 1999. Disponível em: <http://www.mariabonomi.com.br/escritos_decenio_1990.asp>. Acesso em 16 de junho de 2021.

BUTI, M. **A gravação como processo de pensamento**. Revista da USP. São Paulo, Brasil: nº 29, 1996. Disponível em: <http://www.marcobuti.com.br/app/uploads/2019/02/1996_gravcomoproc.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2016.

KANAAN, H. (org.) **Manual de Gravura**. Pelotas: Edufpel, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Parcours deux (1951-1961)**. Paris: Éditions Verdier, 2000.